

COVID-19 Mais de 630 mil baianos dividem quarto com quatro ou mais pessoas, diz pesquisa

SUPERLOTAÇÃO DE CASAS DESAFIA ISOLAMENTO SOCIAL NA BAHIA

BRUNO LUIZ E THIAGO CONCEIÇÃO

Isolamento social é uma expressão que a catadora de material reciclável Telma Batista, 46, só conhece de tanto ouvir falar na televisão nas últimas semanas. Na prática, nunca experimentou. E nem vai poder agora, mesmo com a proliferação dos casos de coronavírus pelo Brasil. Na sua casa, no final de um beco da Rua Boa Vista, no bairro do Uruguai, em Salvador, vivem ela, o irmão mais velho e outras sete crianças da comunidade.

Todos dividem o mesmo cômodo, o único da moradia, que funciona como sala, cozinha, banheiro e quarto. São nove pessoas para duas camas, uma de casal e outra de solteiro.

Assim como Telma, outros 633 mil baianos vivem em casas nas quais precisam dividir o lugar onde dormem com quatro ou mais pessoas. Em Salvador, 123 mil pessoas conhecem a mesma realidade. Os dados são de 2018, da mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os números mostram que 4,3% da população, tanto metropolitana quanto baiana, dificilmente terão como atender aos apelos e recomendações das autoridades de saúde pelo isolamento social, considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma das formas mais eficazes de se frear a contaminação pela Covid-19. Mesmo com essas condições, Telma diz "não ter medo do coronavírus".

"O medo atrai coisa ruim. No entanto, se alguém pegar a doença, é cada um por si. Se for para adoecer, vamos adoecer. Se for para morrer, assim será. Sempre morre mais gente do lado de cá, do lado da pobreza", desabafa Telma.

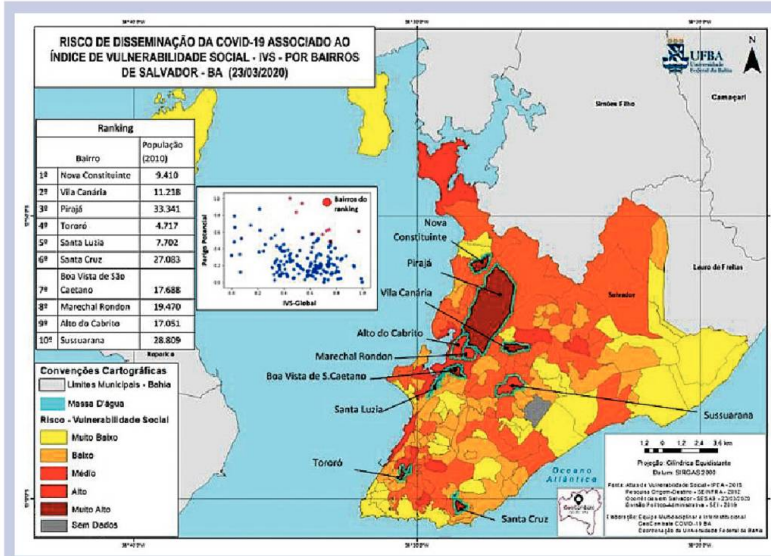
A 450 metros dali, a doméstica Patrícia Ferreira, 36, tem mais motivos para se preocupar com as condições precárias do lugar onde mora, uma laje erguida em cima de uma pequena casa de fachada verde. Um de seus seis filhos, o pequeno Andrei, de 7 anos, possui problemas respiratórios, grupo de risco da doença.

"Fico sempre preocupada. Eles são tudo para mim, tudo que tenho nessa vida. Me sinto desamparada, sem saber o que fazer", diz Patrícia, preocupada com o fato de precisar dividir um quarto com todos os filhos, o que os submete ainda mais a uma possível contaminação.

Enquanto o tão falado "fique em casa" é luxo para muita gente que precisa continuar saindo dela para trabalhar e manter as necessidades básicas, no caso de Patrícia, a situação é mais delicada porque até o local em que ela vive não ajuda. A construção tem no teto as famosas "telhas de Eternit", que fazem com que o calor lá dentro beire o insuportável.

Especialistas

Para o urbanista e professor da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Nivaldo Andrade, a pandemia trouxe à tona uma questão que "não podemos mais deixar de encerrar". De acordo com ele, Salvador tem entre 60% e 70% da população vivendo em ocupações informais, construídas de forma que favorecem a contaminação pelo coronavírus.



Patrícia (de azul) acompanhada dos filhos e de uma vizinha no bairro do Uruguai

"Não consigo manter os meninos aqui dentro, não o tempo todo"

PATRICIA, mãe de seis filhos

A epidemiologista Emanuelle Góes, pesquisadora do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Ufba e do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs) da Fiocruz, lembra que todas as grandes epidemias atingiram mais as pessoas em situação de vulnerabilidade econômico-social, tanto as mais recentes, como dengue e zika, quanto varíola e gripe espanhola, no início do século XX.

Ela defende que a pandemia tem "marcadores sociais" e que um grupo específico será mais castigado pela doença. "Todo mundo pode ter o vírus. Mas quem vai estar mais exposto ao

adoecimento, quando você vê a raça, o gênero, as condições de vida, a qualidade de vida dos contaminados, isso vai, de forma mais agravante, mais agudizada, afetar homens negros e mulheres negras", analisa.

Além da dificuldade de isolamento, algo que também preocupa para pessoas como Telma e Patrícia é a higienização. Para baratear os custos com esses cuidados, o infectologista Robson Reis, do Hospital Aliança, dá algumas dicas.

De acordo com ele, o álcool em gel pode ser trocado por água e sabão na higienização das mãos. Já o álcool líquido 70, indicado na lavagem de superfícies, pode ser substituído por uma solução de água sanitária – duas colheres de sopa do produto para cada litro de água.

"É importante aumentar a frequência de higienização de toda a casa. Caso você tenha alguém infectado em casa, se não tiver um banheiro separado para ela, lembrar de higienizar todo o banheiro quando a pessoa usar. E, se puder, tentar manter distância de 1,5 metro da pessoa", lembra o infectologista.

Estudo mostra bairros com mais risco de contaminação

Bairros mais pobres de Salvador têm maior risco de proliferação do coronavírus. A conclusão é de uma nota técnica produzida por pesquisadores do grupo GeoCombate Covid-19, coordenada pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), divulgada ontem.

Segundo o documento, a localidade do Tororó, por exemplo, tem o maior potencial de contágio pela doença por causa da ocupação domiciliar e também pela interação social produzida nas viagens de transporte público na capital baiana.

O trabalho, que envolveu 23 pessoas, entre autores e colaboradores, traz um ranking das 10 localidades com maior risco de propagação, por causa da circulação de pessoas gerada pelo sistema de mobilidade urbana da cidade. São eles: Tororó, Vila Canária, Imbuí, Santa Cruz, Patamares, Santo Agostinho, Vitória, Pirajá, Nazaré e Matatu.

No caso da probabilidade de disseminação devido à população vivendo em domicílios com mais de dois cômodos, alguns bairros se repetem na lista, que é formada por Tororó, Vila Canária, Santa Cruz, Nova Constituinte, Pirajá, Santa Luzia, Boa Vista de São Caetano, Sussuarana, Engenho Velho da Federação e Cosme de Farias.

Os pesquisadores ainda fizeram o cruzamento dos bairros com outros fatores, como abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequado, índice de vulnerabilidade social e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), e descobriram que os riscos sofrem alterações conforme os quesitos associados.

Direcionamento

A pesquisa começou na segunda-feira passada e foi finalizada no domingo. Para chegar aos resultados, os pesquisadores utilizaram dados da prefeitura e do governo do Estado sobre casos de coronavírus e destinos da população no transporte público, além de indicadores do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea).

De acordo com a equipe, o objetivo da nota técnica é ajudar o poder público a definir quais áreas da cidade são mais prioritárias na concentração de esforços contra a pandemia.

"Em alguns momentos, vão faltar recursos, como leitos e testes. Agora já sabemos quem pode ser mais afetado e como direcionar as políticas públicas", afirmou Jorge Ubirajara, um dos autores do estudo.

Os pesquisadores admitem que dados utilizados no levantamento, alguns de 2010 e 2012, estão defasados, mas defendem que a metodologia usada deu a maior precisão possível ao documento. Eles solicitaram que a prefeitura divulgue informações mais detalhadas sobre a contaminação nos bairros para melhorar a qualidade dos resultados.

BRUNO LUIZ